

APRENDER A ENSINAR NA EDUCAÇÃO DO CAMPO: EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO DE UM ESTUDANTE INDÍGENA XOKLENG

Cristhian Roberto Pripra [1]

Kátia da Costa Leite[2]

Círculo de Saber: Formação Inicial e Continuada de Professores

Resumo: Este artigo apresenta o relato de experiência de um estudante indígena Xokleng no contexto de sua formação no curso de Licenciatura em Educação do Campo. O estágio docente foi realizado na Escola Indígena de Educação Básica Laklãnõ, situada no território Laklãnõ/Xokleng, e teve como base a Investigação Temática Freiriana, que orientou o levantamento de falas significativas da comunidade escolar. A partir dessa escuta, foi planejada a proposta de aula da atividade de docência prevista no Estágio, integrando os saberes tradicionais do povo Xokleng aos conteúdos de Ciências da Natureza e Matemática. A atividade principal envolveu a confecção de colares com sementes tradicionais, permitindo a abordagem de temas como biodiversidade e proporcionalidade de forma contextualizada. A experiência evidenciou a força de uma prática educativa construída a partir do território, que valoriza a cultura e os saberes ancestrais do povo.

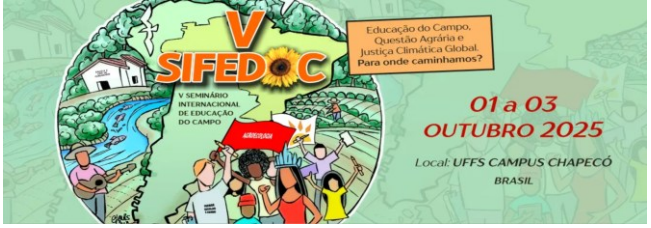
Palavras-chave: Estágio docente. Educação do Campo. Escola Indígena Laklãnõ Xokleng.

Introdução

Este texto apresenta um relato de experiência vivenciado no contexto do Estágio Supervisionado no curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), na área de Ciências da Natureza e Matemática. O curso visa formar professores comprometidos com a transformação social, com a valorização dos territórios e com os modos de vida das comunidades do campo, das águas e das florestas. Nesse sentido, o estágio se configura como uma etapa formativa fundamental, por permitir aos licenciandos desenvolver suas atividades em uma escola de sua comunidade de origem, possibilitando a escuta e a construção de propostas pedagógicas sintonizadas com sua realidade.

O relato apresenta o percurso formativo vivido por um estudante indígena Xokleng abordando desde o processo de observação até a construção e realização da regência. A proposta deste componente curricular foi orientada pela abordagem da Investigação Temática Freiriana (ITF), a qual pressupõe a escuta dos sujeitos como

[1] Discente na Licenciatura em Educação do Campo da UFSC. E-mail: cristhianroberto2019@gmail.com
[2] Docente na Licenciatura em Educação do Campo da UFSC. E-mail: katia.dacostaleite@gmail.com



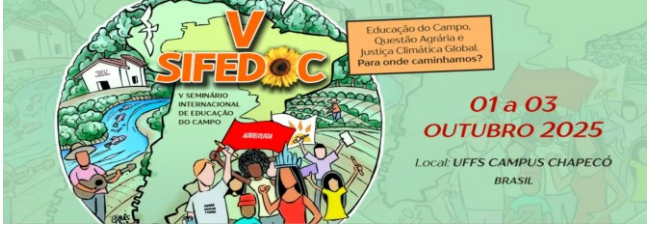
ponto de partida para a identificação de temas geradores. A partir dessa abordagem, foi possível levantar falas significativas de professores, estudantes e lideranças da Escola Indígena de Educação Básica Laklãnõ, localizada no território do povo Laklãnõ/Xokleng, no município de José Boitex - SC. Esses diálogos revelaram tensões vividas no cotidiano escolar, como a imposição de planejamentos descontextualizados, a ausência de materiais didáticos adequados e o desejo dos educadores de integrar os saberes culturais aos conteúdos escolares. A escuta dessas vozes permitiu delinear caminhos para uma regência que valorizasse a cultura local e dialogasse com os conhecimentos escolares de forma crítica e significativa.

Com base nisso foi planejada e realizada uma atividade pedagógica com estudantes do 9º ano, abordando o tema "*Biodiversidade e matemática na produção de artesanato do povo Xokleng*". A proposta buscou articular os conhecimentos da cultura indígena com os conteúdos de Ciências e Matemática, por meio da prática artesanal e da sistematização de dados. A seguir, relatamos o percurso vivido desde a observação inicial à realização da regência, destacando como a articulação entre a ITF e os princípios da Educação do Campo possibilitou uma prática docente comprometida com a valorização dos saberes tradicionais e com a cultura.

Investigação Temática Freiriana e Educação do Campo

A Investigação Temática proposta por Paulo Freire é um caminho metodológico que parte da escuta das pessoas e de seus modos de viver, sentir e interpretar o mundo. Trata-se de um processo de levantamento de temas geradores a partir das falas e experiências dos sujeitos, que revelam situações-limite e contradições vividas no cotidiano (Heidemann et al, 2017). Ao identificar esses temas, o educador pode construir uma prática pedagógica embasado na realidade dos estudantes, promovendo uma educação dialógica, crítica e comprometida com a transformação social. Na perspectiva freiriana, ensinar é um ato político e ético, que exige respeito aos saberes populares e disposição para caminhar junto com os educandos na construção do conhecimento (Freire, 1996).

Quando essa proposta é pensada no contexto da Educação do Campo, ela ganha certa potência. A Educação do Campo parte da luta histórica dos povos do campo por uma escola que respeite seus tempos, espaços, culturas e modos próprios



de produzir conhecimento (Caldart, 2009). Constitui-se em uma proposta que rompe com os modelos escolares urbanos e padronizados, reconhecendo a diversidade dos territórios e a centralidade da vida comunitária na formação dos sujeitos. Nessa perspectiva, o currículo é construído a partir da escuta das comunidades e das experiências vividas por seus integrantes.

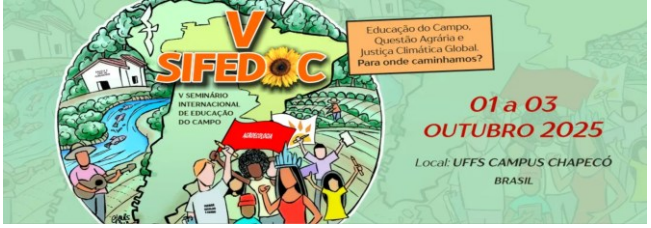
Nessa direção, Brick et al. (2014) destacam que a investigação temática pode ser uma estratégia potente para estruturar o ensino nas escolas do campo, a partir de questões e problemas vivenciados pelos próprios estudantes. Por sua vez, Schneider e Muenchen (2019, s/p), afirmam que a abordagem temática freiriana "converge com os princípios da escola do campo, além de favorecer a interação entre os sujeitos através do diálogo e da problematização de problemas da realidade dos educandos".

Dessa forma, ao promover a escuta a professores, estudantes, anciãos e lideranças, é possível identificar temas que se relacionam com os direitos territoriais, os saberes tradicionais, a alimentação, a organização do trabalho, o acesso à saúde, entre outros. Esses temas se tornam pontos de partida para a construção de práticas pedagógicas contextualizadas, críticas e comprometidas com a vida.

Nesses termos, a ITF é uma atitude diante do processo de ensino e aprendizagem. Ela exige do educador sensibilidade para perceber o que é dito e também o que é silenciado, para compreender os sentidos que atravessam as palavras e os gestos. Ao estimular a ITF nos Estágios da Licenciatura em Educação do Campo, os estudantes em formação têm a oportunidade de aprender com o território e de planejar ações pedagógicas que dialoguem com a cultura local, respeitando os ritmos e as formas de aprender das comunidades onde atuam. Como afirmam Stuani, Fernandes e Yamazaki (2015, p. 1),

> "[...] a abordagem temática freireana pode possibilitar desenvolvimento de trabalhos colaborativos nas escolas situadas no campo e nas aldeias indígenas, promovendo o diálogo entre os diferentes saberes, ampliando assim a compreensão acerca das problemáticas locais, constituindo-se como uma possibilidade de acesso ao conhecimento científico de forma contextualizada".

Assim, a articulação entre a ITF e a Educação do Campo permite a construção de uma prática educativa mais próxima da realidade, que reconhece os sujeitos do campo como produtores de saber. Essa proposta fortalece a escola como espaço de afirmação cultural, de defesa dos direitos e de construção de futuros mais justos para os povos do campo. Em termos dos povos indígenas, ao formar educadores com essa



perspectiva, o curso contribui para que a docência seja também um ato de compromisso com a memória e a luta dos povos por uma educação transformadora.

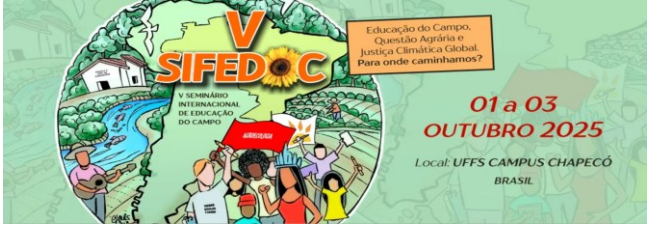
Observações do Estágio

As primeiras observações do estágio realizadas na Escola Indígena de Educação Básica Laklãnõ ocorreram entre os dias 31/03 e 04/04/2025, em turmas do 6º ao 9º ano. Durante esse período, foram realizadas conversas com professores, lideranças comunitárias e estudantes; acompanhamento de aulas e atividades extracurriculares; e análise de documentos institucionais, como o Projeto Político Pedagógico e registros de planejamento docente. No primeiro dia do estágio, foi feita uma conversa com uma professora integrante da atual gestão escolar, que nos acolheu e indicou pontos essenciais a serem observados durante a imersão. As orientações iniciais nos ajudaram a compreender melhor a dinâmica da escola e os desafios enfrentados pela equipe docente.

Acompanhamos as aulas do professor de Matemática e do professor de Ciências com o 7°,8°e 9° ano, que são indígenas Xokleng, ambos relataram importantes limitações estruturais e pedagógicas no cotidiano escolar, especialmente relacionadas à ausência de materiais didáticos. O professor de Matemática apontou dificuldades dos estudantes com as operações básicas e interpretação de problemas. Então eles buscam estratégias para incorporar elementos culturais aos conteúdos, como a divisão de alimentos ou uso de situações do cotidiano. No entanto, a falta de material e o modelo de planejamento exigido pela Secretaria de Educação dificultam esse processo. O professor de Ciências compartilhou preocupações semelhantes, ressaltando que a falta de livros de Ciências obriga os professores a construir aulas do zero, o que demanda esforço adicional e limita a inserção de experiências práticas.

Nesse primeiro momento na escola, foi possível identificar práticas pedagógicas que valorizam a oralidade, a escuta dos mais velhos, o uso da língua materna e a interdisciplinaridade. As aulas observadas abordaram temas como histórias do povo Laklãnõ, grafismo corporal, cantos tradicionais, meio ambiente e direitos indígenas.

Análise das observações da primeira imersão



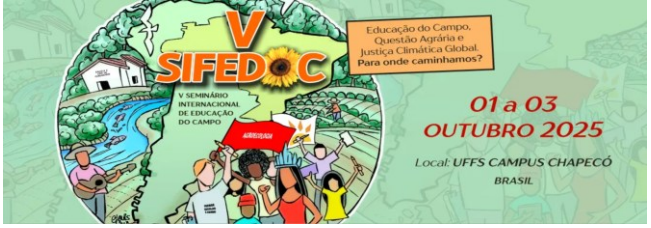
Foi observado que os professores usam da estratégia de fazer dois planos de aula: um que é enviado obrigatoriamente à Coordenadoria Regional de Educação (CRE) e outro que é efetivamente aplicado em sala de aula. O plano enviado à CRE, segundo relataram, muitas vezes não contempla os elementos da cultura Xokleng, sendo padronizado e descolado da realidade local. Já o plano pessoal permite certa autonomia, possibilitando abordar conteúdos que fazem mais sentido aos estudantes, especialmente quando vinculados às experiências comunitárias e à ancestralidade.

A análise das observações revela uma escola comprometida com a educação indígena de qualidade, apesar das limitações materiais e da ausência de políticas públicas contínuas e eficazes. Os professores atuam como mediadores culturais, promovendo o diálogo entre os saberes tradicionais e os conhecimentos escolares.
A comunidade participa ativamente da vida escolar, contribuindo com conhecimentos, experiências e demandas que fortalecem o vínculo entre escola e território. As crianças demonstram interesse pelas atividades, principalmente aquelas que envolvem práticas culturais, como o artesanato, os cantos e os rituais.

No entanto, durante o período de observação e diálogo com a equipe escolar, professores e estudantes da Escola Indígena de Educação Básica Laklãnõ, foi possível identificar algumas situações-problema recorrentes que refletem desafios estruturais, pedagógicos e políticos vivenciados pela comunidade escolar Laklãnõ/Xokleng. Foram identificadas dificuldades relacionadas à infraestrutura, à formação continuada dos docentes e à ausência de recursos didáticos específicos em língua Laklãnõ. Também há desafios relacionados ao transporte escolar e à alimentação, que afetam a frequência e o rendimento dos estudantes.

Um dos principais problemas enfrentados pela comunidade está relacionado à descontinuidade de políticas públicas voltadas à educação escolar indígena. A falta de repasse regular de recursos, a burocracia para aquisição de materiais pedagógicos e a demora na manutenção da estrutura física da escola comprometem o funcionamento pleno da instituição.

Outro problema importante é o afastamento dos jovens da escola, especialmente no Ensino Médio, devido à ausência de projetos de formação profissional que dialoguem com os interesses da juventude indígena. Muitos jovens migram para centros urbanos em busca de oportunidades, enfraquecendo a continuidade da cultura e da liderança tradicional.



Além disso, há um esforço contínuo para a revitalização da língua Laklãnõ, que enfrenta o risco de enfraquecimento diante do predomínio da língua portuguesa e da influência de mídias externas. A escola desempenha um papel fundamental nesse processo, mas necessita de maior apoio institucional para desenvolver materiais bilíngues e formar professores fluentes na língua materna.

Essas situações revelam a importância de políticas públicas intersetoriais, construídas com a participação efetiva das comunidades indígenas, garantindo uma educação que respeite e fortaleça suas identidades e formas próprias de existência.

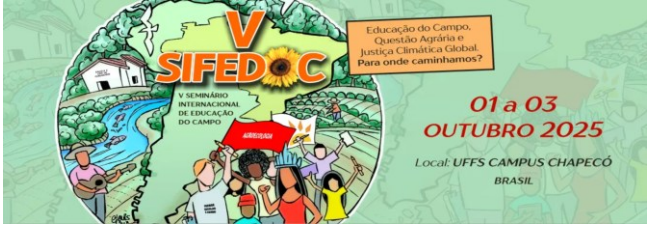
Falas que expressam problemas enfrentados pela comunidade

Uma fala significativa do professor de Matemática exemplifica a tensão entre o desejo de autonomia pedagógica e a interferência externa: *"A gente tem que fazer dois planos: um para mandar pra CRE e outro pra dar aula de verdade. No plano que vai pra CRE, não dá pra colocar o que a gente quer trabalhar com a cultura".* Essa fala revela não apenas a divisão entre o prescrito e o vivido, mas também a forma como o sistema educacional dominante tenta padronizar práticas pedagógicas, desconsiderando as especificidades do território indígena.

Sobre a aprendizagem dos estudantes, o professor de Matemática relatou que: *"Eles não conseguem resolver o problema, porque o livro vem com coisas que não tem nada a ver com a nossa realidade. Eu tento colocar as frações com coisas que eles conhecem, tipo plantar, dividir... mas falta material, falta tempo, falta apoio" (2025).* Aqui, evidencia-se uma contradição, relacionada a cobrança por desempenho e a ausência de condições adequadas para que esse desempenho seja possível. O conflito está entre a exigência institucional e a realidade da sala de aula indígena.

Por sua vez, o Professor de Ciências, compartilhou: *"Tem dia que a gente precisa criar aula do zero porque não tem livro, não tem nada. A gente tem que correr atrás de tudo".* Essa fala evidencia uma situação-limite onde o professor precisa suprir sozinho as lacunas deixadas pelo Estado. Esse limite precisa ser superado para que a escola possa cumprir seu papel formador com dignidade.

Uma das estratégias valorizadas pelos docentes para a superação dessas dificuldades é a realização de trabalhos interdisciplinares. Nessas atividades, os estudantes produzem artesanatos, discutem saberes tradicionais e participam de



vivências como a confecção de trajes típicos e o preparo de alimentos. Essas práticas contribuem para a revitalização cultural e o fortalecimento da identidade Laklãnõ/Xokleng.

Durante essa primeira imersão na escola para o estágio, fomos convidados por uma professora a acompanhar os preparativos para o espaço cultural. Estavam sendo organizados trajes tradicionais, objetos artesanais e refeições típicas. Em um dos dias, algumas turmas visitaram o espaço para ouvir histórias contadas por professores mais velhos e anciãos da comunidade e experimentar os alimentos preparados. Esses momentos ocorrem especialmente no mês de abril, durante o Abril Indígena, e em setembro, mês de reflexão sobre a história do povo Xokleng. Este último rememora o 22 de setembro de 1914, data do primeiro contato oficial do povo Xokleng com os não indígenas, marcado por episódios de violência e resistência.

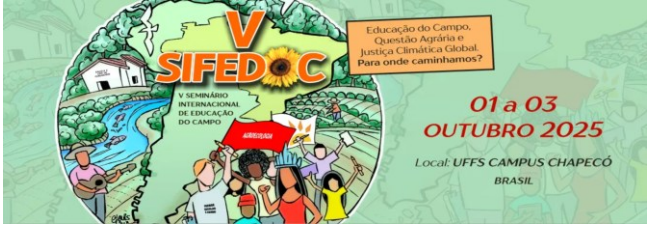
Reflexões sobre a primeira imersão no Estágio

O estágio permitiu perceber que as práticas pedagógicas mais significativas são aquelas que partem da escuta e da vivência dos estudantes. Professores que utilizam contextos culturais, como a culinária tradicional, a divisão de tarefas comunitárias ou a produção de artesanato, obtêm maior engajamento. Entretanto, a burocracia da CRE, a escassez de materiais, a ausência de infraestrutura e a falta de políticas públicas voltadas à realidade indígena representam obstáculos contínuos

As observações realizadas, com base no instrumento de observação construído coletivamente por nós acadêmicos e professora orientadora do estágio, possibilitaram o registro de dados qualitativos essenciais para o planejamento da regência e para a elaboração de um projeto de ensino alinhado à realidade local.

As falas recolhidas durante a vivência revelam uma realidade marcada por desafios, mas também por fortes expressões de resistência cultural e estratégias de enfrentamento cotidianas. Elas evidenciam a urgência de fortalecer a autonomia pedagógica indígena, valorizar os saberes e práticas culturais tradicionais e ampliar o investimento em recursos que garantam um desenvolvimento educacional pleno.

Ao serem articuladas com as observações feitas ao longo da semana de estágio, essas falas compõem um retrato da educação indígena atravessada por disputas simbólicas, carências materiais e lutas por reconhecimento. Tal cenário



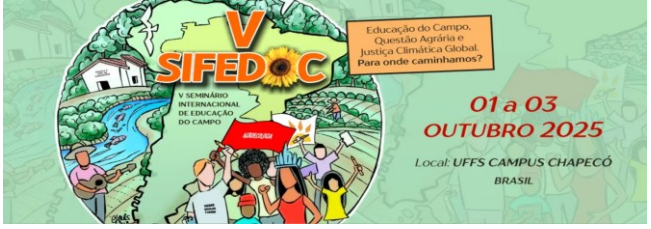
aponta para a necessidade de políticas públicas específicas, que respeitem a diversidade cultural, promovam a formação continuada de caráter intercultural e assegurem condições adequadas para o ensino nas comunidades indígenas.

Planejamento da Regência

Como estudante indígena e futuro professor, elaborei um plano de aula com a orientação da professora de Estágio, pensando na importância de valorizar e fortalecer os conhecimentos do meu povo Xokleng. A proposta foi construída para ser desenvolvida com a turma do 9º ano da nossa escola, unindo os saberes tradicionais sobre o artesanato com conteúdos de Ciências e Matemática. Escolhi trabalhar o tema "*Biodiversidade e Matemática na produção de artesanato do povo Xokleng*" porque vejo que, ao fazermos nossos colares, cestarias e outros objetos, estamos também praticando nosso conhecimento sobre as sementes, as plantas, os ciclos da natureza e as formas de organização. A aula busca mostrar como tudo isso está ligado também aos conhecimentos ensinados na escola, de um jeito que respeita nossa cultura.

No planejamento, pensei em iniciar com uma roda de conversa para escutar o que os estudantes já sabem sobre as sementes e fibras que usamos no artesanato e como elas se relacionam com a alimentação e o cuidado com a natureza. Depois, propus observar algumas peças feitas pela comunidade e refletir sobre os padrões, cores e tamanhos. A partir disso, entramos nos conteúdos de Ciências, discutindo como escolhemos as plantas e preservamos as sementes, e também de Matemática, resolvendo problemas de proporcionalidade a partir da quantidade de sementes usadas em colares. A ideia foi trabalhar o conteúdo escolar sem separar do nosso modo de viver e aprender.

Ao final, planejei uma oficina onde os estudantes pudessem montar colares usando sementes. Além disso, propus uma atividade de desenho em que cada um pudesse representar os elementos que considera importante para a biodiversidade do nosso território. Não só as sementes, mas também os rios, as árvores, os animais e tudo aquilo que dá vida e significado ao nosso modo de viver. Essa parte tinha por objetivo despertar o olhar para a riqueza do nosso território e fortalecer a relação entre os conhecimentos escolares e os saberes construídos desde a infância, no convívio com a natureza e com os mais velhos. O intuito dessa vivência era mostrar que



aprender matemática e ciências a partir da nossa realidade não só é possível, como também valoriza nossa cultura, nossa história e os modos próprios de cuidar da vida.

Relato de Regência na Escola Laklãnõ

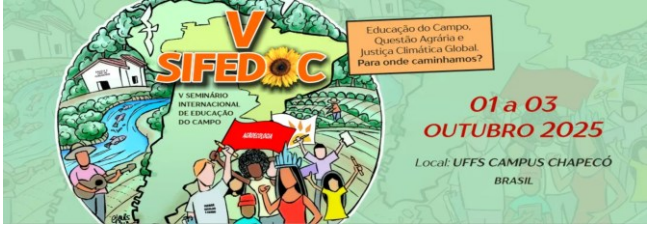
A segunda imersão na escola para realização do Estágio ocorreu entre os dias 09 e 13 de junho de 2025 e tinha como pressuposto a prática da docência. Assim , no dia 10 de junho realizei minha regência na Escola Laklãnõ, com a turma do 9º ano do Ensino Fundamental. Estavam presentes cinco estudantes, duas meninas e três meninos, sendo um deles uma pessoa com deficiência de média complexidade, acompanhado de um segundo professor. Esse estudante não pertence ao povo indígena Xokleng, mas reside próximo à comunidade escolar.

Ao entrar na sala, iniciei a aula me apresentando e explicando brevemente como seria a dinâmica do nosso encontro. Em seguida, utilizei o projetor para exibir algumas imagens relacionadas ao tema, como forma de introdução e diálogo visual com os estudantes. Confesso que estava bastante nervoso por ser minha primeira experiência de regência, o que me levou, em alguns momentos, a acelerar a exposição do conteúdo.

Imagem 1: realização da atividade de docência no estágio.



Fonte: arquivo dos autores.



No início, os estudantes estavam mais quietos e observadores, mas, à medida que a aula avançava e o diálogo se estabelecia, eles começaram a se envolver e a interagir de forma mais ativa. O momento de maior participação e entusiasmo ocorreu durante a atividade prática: a confecção de colares em sala de aula. Essa proposta despertou o interesse do grupo, pois estava relacionada à realidade e à cultura vivida por eles.

Escolhi não levar nada pronto para a sala, mas sim construir a aula a partir das minhas observações e escutas ao longo do estágio. Essa escolha reflete minha inspiração na pedagogia de Paulo Freire, que defende uma prática educativa dialógica, significativa e libertadora. Acredito que a aprendizagem precisa partir da vivência concreta dos educandos, do seu território, de seus saberes e de sua cultura. Nesse sentido, busquei romper com o modelo tradicional e bancário de ensino (Freire, 1996), em que o educando é apenas um receptor passivo do conteúdo. Ao invés disso, propus uma prática viva, em que os estudantes pudessem se expressar e aprender por meio da experiência e da criação.

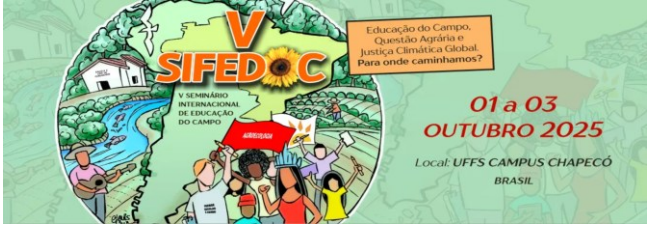
Percebi o quanto o fazer com as mãos, o reconhecimento de sua identidade cultural e o protagonismo no processo de aprendizagem contribuem para um ambiente mais acolhedor e significativo. Senti que, mesmo diante do nervosismo inicial, consegui conduzir uma aula que valorizou os sujeitos ali presentes, respeitou seus tempos, suas origens e fortaleceu o vínculo entre escola e comunidade.

Essa regência me marcou profundamente e reafirmou em mim a certeza de que educar é muito mais do que transmitir conteúdos: é escutar, sentir, propor e caminhar junto com os educandos na construção de saberes com sentido.

Reflexões críticas sobre a regência

Minha regência na Escola Laklãnõ, apesar de marcada pelo nervosismo inicial, proporcionou importantes aprendizados que subsidiarão a construção de um projeto pedagógico que pretendo desenvolver. Essa vivência prática me permitiu perceber, de forma concreta, a importância de planejar ações educativas que estejam conectadas com a realidade cultural, social e territorial dos estudantes.

A interação com a turma demonstrou que a aprendizagem se torna mais significativa quando se parte do cotidiano dos alunos. A prática de confecção de



colares, por exemplo, não apenas despertou o interesse dos estudantes, mas também favoreceu o diálogo entre os saberes tradicionais e os conteúdos escolares, como propõe a Educação do Campo. Isso reforça a necessidade de um projeto que vá além da abordagem teórica e promova experiências práticas, participativas e sensíveis ao contexto local.

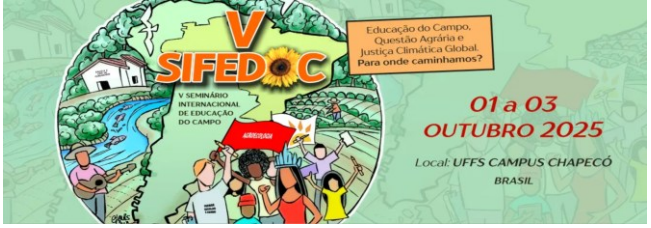
Outro ponto que emergiu foi a diferença entre uma aula bancária e uma aula dialógica. A experiência revelou que os estudantes se desmotivam diante de uma metodologia centrada na cópia e na reprodução. Ao contrário, sentem-se mais engajados quando podem criar, experimentar e se reconhecer no processo. Essa percepção fortalece minha convicção de que o projeto precisa ser construído com base na escuta ativa, na valorização da cultura Xokleng e na pedagogia do diálogo, conforme propõe Paulo Freire.

Além disso, a presença de um aluno com deficiência também me fez refletir sobre a importância de pensar um projeto verdadeiramente inclusivo, que atenda à diversidade presente em sala de aula e que contemple diferentes formas de expressão, aprendizagem e participação.

Por fim, compreendi que o projeto não pode ser pensado de forma isolada ou externa à realidade escolar. Ele deve emergir da escuta dos sujeitos envolvidos – estudante, professores, comunidade - e se desenvolver como um processo coletivo de construção de conhecimento. A regência, dessa forma, foi um exercício fundamental de observação, escuta e sensibilidade, e será o ponto de partida para uma proposta pedagógica mais viva, transformadora e comprometida com uma Educação do Campo e intercultural.

Considerações finais

As experiências vividas durante o estágio na Escola Indígena de Educação Básica Laklãnõ possibilitaram compreender a potência de uma educação construída a partir do diálogo e respeito aos saberes tradicionais. Por meio da Investigação Temática Freiriana, foi possível identificar nas falas de professores, estudantes e lideranças, questões que expressam os desafios enfrentados pela comunidade, seus modos próprios de produzir conhecimento e de se relacionar com o mundo.



A proposta de regência desenvolvida com a turma do 9º ano considerou as falas significativas ditas e se organizou em torno do tema “Biodiversidade e matemática na produção de Artesanato”, articulando conteúdos das Ciências da Natureza e da Matemática com práticas culturais do povo Laklãnõ/Xokleng. A atividade com sementes tradicionais possibilitou que os estudantes reconhecessem a presença da ciência e da lógica matemática em práticas cotidianas de sua cultura, como a escolha, o uso e a organização das sementes. Ao mesmo tempo, a proposta favoreceu a valorização do território como espaço vivo de aprendizagem, ampliando o sentido dos conteúdos escolares.

Esse percurso reafirma a importância de práticas pedagógicas que superem a separação entre cultura e currículo, entre escola e comunidade. O estágio nesse contexto, possibilitou uma oportunidade de viver, refletir e experimentar o que significa educar pautado na realidade. A experiência mostra que, quando se parte da realidade vivida pelos estudantes, o conhecimento ganha sentido e a escola se torna um espaço de fortalecimento da identidade, da memória e da luta dos povos indígenas.

Referências bibliográficas

BRICK, Elizandro Maurício; PERNAMBUCO, Marta Maria Castanho Almeida; SILVA, Antonio Fernando Gouvêa; DELIZOICOV, Demétrio. Paulo Freire: interfaces entre Ensino de Ciências Naturais e Educação do Campo. In: MOLINA, Mônica Castagna (org.) **Licenciaturas em Educação do Campo e o Ensino de Ciências Naturais:** desafios à promoção do trabalho docente interdisciplinar. Brasília: MDA, 2014.

CALDART, Roseli Salete. Educação do campo: notas para uma análise de percurso. **Trabalho, educação e saúde**, v. 7, p. 35-64, 2009.

FREIRE, Paulo**. Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HEIDEMANN, Ivonete Terezinha Schülter Buss et al. Reflexões sobre o itinerário de pesquisa de Paulo Freire: contribuições para a saúde. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 26, n. 4, p. e0680017, 2017.

SCHNEIDER, Tatiani Maria; MUENCHEN, Cristiane. A abordagem temática e a Educação do Campo. **Educação UFSM**, v. 44, 2019.